

## editorial

É com imenso prazer que apresentamos a vigésima edição da *Cadernos de Campo*, a revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo – PPGAS/USP. Um projeto iniciado por um grupo de estudantes e abraçado pelas turmas de mestrado e doutorado que se seguiram a eles. A cada ano temos uma comissão editorial renovada e juntamente com a comissão, o desafio de manter a revista com seus padrões de qualidade e periodicidade. Neste ano o desafio foi redobrado devido o fato de termos uma Comissão Editorial mais enxuta. Aceitamos a tarefa e através do trabalho, comprometimento e muito diálogo para atravessar os percalços que a produção de uma revista acarreta, estamos muito felizes com o resultado e com a possibilidade de ajudar a construir a história da *Cadernos de Campo*.

Agradecemos a todos os ex-membros da Comissão Editorial da *Cadernos de Campo* pela dedicação àquela que foi a primeira revista editada por alunos de pós-graduação em Antropologia no Brasil. Durante seus vinte anos de existência, a revista manteve a orientação de publicar contribuições de qualidade sobre diferentes temas na área antropológica, produzidas por pesquisadores com formações e de instituições variadas. Esse foco, conjugado com o empenho da Comissão Editorial em todos seus números, trouxe o reconhecimento procurado pela *Cadernos de Campo*. Nas palavras do Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Duarte, do PPGAS/MN/UFRJ, em *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil. Antropologia* (publicação

da ANPOCS): “A *Cadernos de Campo*, editada pelos alunos de pós-graduação em Antropologia da USP, é uma revista muito bem-sucedida” (2010: 18, 19).

Além do objetivo principal de produzir um novo número e divulgá-lo, esta comissão continua projetos iniciados por colegas que nos antecederam, entre eles o que mais tem nos mobilizado é o processo de inserção da *Cadernos de Campo* no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER/Ibict). No decorrer dos anos, as mudanças efetuadas na revista foram focadas, sobretudo, na adequação aos padrões do sistema *Qualis*, instrumento de avaliação de periódicos da CAPES, em que é valorizada a disponibilização dos números da revista. Com a inclusão no SEER, a *Caderno de Campo* terá todos seus números disponíveis virtualmente, de forma plena, e será implantada a informatização da editoração da revista, agilizando o processo de avaliação das colaborações. Esperamos já no editorial do próximo número comentar sobre a efetivação da inserção no SEER e, se for a tempo, as melhorias advindas com o novo site da *Cadernos* em operação com o Sistema. Nesse mesmo sentido, a *Cadernos* tem dedicado esforços para ampliar também sua divulgação, o que vem sendo feito através do **Projeto Bibliotecas**, que atua na doação e atualização das coleções da revista junto a instituições de ensino.

Nesta edição, a seção especial inspirou-se no Ano Internacional dos Povos Afro-descendentes, apregoado pelas Organizações das Nações Unidas, e no 10º aniversário da III

Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata de Durban. A convergência desses acontecimentos fomenta o debate antropológico brasileiro e internacional sobre temas que apresentamos neste especial focalizado nos estudos e pesquisas relacionadas aos povos afro-descendentes. Nosso intuito é o de trazer à tona os desafios centrais dos trabalhos atuais nesse campo, perpassado por categorias controversas como raça, etnicidade e cultura, que oscilam entre apropriações variadas tanto no meio acadêmico quanto no meio político e no uso nativo.

O especial deste número é composto por cinco artigos. Em “Raça, cor, cor da pele e etnia”, Antonio Sérgio Guimarães recupera a trajetória do termo raça no Brasil e faz considerações acerca do processo de miscigenação, que ficou conhecido como embranquecimento, esse que, juntamente à mestiçagem, fomentariam políticas raciais no Brasil, mesmo quando o conceito de raça já caíra em descrédito. Ao ressaltar as vantagens da noção de raça frente àquela da etnia, o autor discorre sobre a recuperação da raça pela sociologia contemporânea como conceito nominalista.

Omar Ribeiro Thomaz, em “Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti”, insere a questão do racismo que se manifesta no Haiti contemporâneo. Ao dar ênfase na performance da pobreza empenhada pela mídia e no fracasso das tentativas de reconstrução do país, o autor aponta o papel da raça nesse processo. Em sua crítica, Thomaz argumenta que haitianos de todos os grupos sociais transformaram-se em objeto de discursos e políticas, mas não são por estes tomados enquanto sujeitos, mesmo quando o terremoto revela as falhas da ajuda internacional.

No artigo “Diferenciar, Redistribuir, Reconhecer: Ensaio de atualização dos debates sobre terras e educação para quilombos”, José Maurí-

cio Arruti analisa o processo de reconhecimento de comunidades negras rurais no Brasil, a partir da nova postura do Estado brasileiro de introduzir essas comunidades no rol das populações atendidas por políticas diferenciadas. Ao argumentar que as políticas para quilombos surgem sob o signo da descentralização, Arruti problematiza que tal reconhecimento implicaria em um reforço e uma correção das políticas de redistribuição. O autor aborda o contexto atual em duas destas políticas, tomando os embates em torno da política de terras e os debates em torno da política de educação, ressaltando um novo momento histórico para o debate sobre a “questão racial” no Brasil, no qual a população negra rural ganha grande visibilidade.

Vagner Gonçalves da Silva, em “Religião e identidade cultural negra: católicos, afro-brasileiros e neopentecostais”, parte da análise dos papéis das religiões afro-brasileiras no processo de construção das identidades culturais de origem negra no Brasil. Ao considerar as controvérsias e disputas em torno dos símbolos da herança negra no país, o autor indica possíveis linhas interpretativas deste processo, descrevendo considerações sobre as religiões afro-brasileiras, o catolicismo e o neopentecostalismo. Pensando os modos pelos quais essas religiões, Estado e movimentos políticos tem se articulado em torno dessa disputa, Silva ressalta que religião, cor e ação política nem sempre caminham lado a lado, e o Brasil hoje viveria um dilema entre convicções religiosas e políticas de apelo étnico. Nesse sentido, as religiões afro-brasileiras tornam-se não somente um campo legítimo de aplicação de políticas públicas do Estado, mas também campo de ação para movimentos negros.

No artigo de Lina del Mar Moreno Tovar “Músicas afrocolombianas: entre la espiritualidad y la crítica social”, criações musicais são tratadas como centrais para a reprodução cultural de povos afrodescendentes, sendo exami-

nada a relação histórica entre espiritualidade, crítica social e música. Ao considerar a musicalidade um veículo de memórias, a autora afirma o papel determinante da música na construção das representações do negro e no devir histórico dos povos afroamericanos. Trazendo para a atualidade, Tovar atribui à música o importante papel no que diz respeito a reivindicações, as quais conservam o caráter espiritual e o combinam com o caráter político. É nesse sentido que a música é percebida enquanto portadora de memórias coletivas e ainda enquanto crítica social.

A *entrevista* desta edição, com Jeanne Favret Saada, soma-se aos esforços de tradução de uma autora cujo trabalho etnográfico e posicionamentos no campo acadêmico, fornecem ferramentas e animam a reflexão sobre as formas de relacionar as disciplinas e a posição do autor diante de temas como a bruxaria, as convulsões políticas, e a sensibilidade perante o pensamento e a experiência do outro. Uma grande referência para os estudos em antropologia hoje por contribuir à estruturação de uma disciplina que deve se movimentar ao mesmo ritmo do mundo no qual ela age.

Em nossa seção *traduções* apresentamos duas contribuições de relevo: Richard Schechner, com tradução apresentada por John Cowart Dawsey, e Marilyn Strathern, com apresentação de Renato Sztutman. A tradução do primeiro capítulo de *Between theatre and anthropology*, livro de 1985 de Schechner, é um subsídio fundamental para a discussão sobre os pontos de contato entre a antropologia e o teatro, cada vez mais complexos e mais ricos nos resultados que este vínculo de mão dupla apresenta. O trabalho artístico de *performers* encontra-se em uma troca de saberes, técnicas, metodologias e perguntas com o trabalho acadêmico de pensadores como Victor Turner, Clifford Geertz, Eugenio Barba, Jerzy Grotowski e Peter Brook, bem como com a própria experiência do autor, enrique-

cendo o saber e o fazer tanto do teatro quanto da antropologia.

No ensaio “Sobre o Espaço e a Profundidade”, Strathern procura aprofundar a técnica de interpretação de reversão figura-fundo, buscando analisar as circunstâncias de utilização dessa técnica, as complexidades que ela produz, e as interpretações presumíveis de seu uso em artefatos visuais, sobretudo em fotografias. Strathern explora os limites da prática de reversão figura-fundo e das interpretações nela fundadas com o objetivo de apreender como esse fenômeno tem efeitos nas análises da vida social. Por meio da sugestão de que existe uma espécie de visão figura-fundo generalizada, Strathern enseja aprofundar essa visão axiomática da tradição Ocidental ou Euro-Americana, assumindo sua própria voz de Euro-Americana nesse exercício e em seu compromisso de compreensão do mundo.

Em nossa seção de *artigos e ensaios* proporcionamos a leitura de dez artigos que apresentam variados temas e abordagens trabalhados por pesquisadores de distintas instituições do Brasil e do exterior. Abrindo a seção, apresentamos o artigo de Ana Carneiro, “Uma antropologia nativa da família verde-e-rosa ou Por que ver rizoma onde nos mostram uma mangueira frondosa?”. A partir de uma etnografia no Morro da Mangueira, na cidade do Rio de Janeiro, onde a autora acompanhou a criação do Centro Cultural Cartola (CCC), o artigo analisa o discurso nativo de “família mangueirense” acionando conceitos caros às ciências sociais, tais como “comunidade”, “sociedade”, “identidade”, “patrimônio cultural”, “rede” e “rizoma”.

Em “Política, economia e mediação Simbólica: Notas etnográficas sobre a constituição da *chefia social* a partir da experiência do Camelódromo de Porto Alegre”, Moisés Kopper problematiza as disputas e processos de instituição do Centro Popular de Compras, o

popular Camelódromo, na Região Centro de Porto Alegre/RS. Discute-se, de um lado, as estratégias de governamentalidade, ao colocar a necessidade de higienização e urbanização do espaço público e, com ela, o deslocamento espacial e identitário de trabalhadores informais. De outro lado, questiona-se os modelos de gestão do Estado subjacentes às Parcerias Público-Privadas. A partir disto, observam-se as tensões mais amplas em torno dos processos político-econômicos que atravessam a instituição do Camelódromo.

Andréa Osório, em “Dons da bruxa e trajetórias wiccanas: narrativas sobre ser e tornar-se uma bruxa moderna”, analisa como boa parte das pessoas abordadas em sua pesquisa se percebe e se torna bruxa a partir de um processo muitas vezes relacionado com identidade e religião. Há, entre estes participantes, trajetórias religiosas que se iniciam no âmbito da religião da família de origem, perpassando religiões estabelecidas no país, como a umbanda e o espiritismo kardecista, até desaguar no universo Nova Era. Seu passado é redesenhado face à descoberta de sua nova identidade como “bruxa”.

Em “Mato que vira mar, mar que vira mato: o território em movimento na vila de pescadores da Barra de Arapirica (Ilha do Superagüi, Guaraqueçaba, Paraná)”, Juliane Bazzo aborda a vila de pescadores de Barra de Arapirica enquanto um território em permanente mudança. Em virtude de um processo erosivo natural, os habitantes do local têm a necessidade da transferência periódica de construções em terra e rotas de pesca. A autora verifica o choque entre duas racionalidades distintas: de um lado, um grupo de forte vínculo com seu lugar graças ao exercício constante da memória; de outro, uma política pública na qual parques nacionais são espaços de proteção integral onde a ação humana é vetada.

Alícia Ferreira Gonçalves, em “Economia solidária e visão de mundo: a perspectiva bio-

gráfica”, nos oferece uma articulação entre os planos da estrutura e da história a partir da trajetória do poeta popular Manoel Evangelista de Brito, De pequeno agricultor sem-terra no sertão cearense, o poeta metamorfoseia-se em crítico da política neoliberal e militante da economia solidária na capital cearense. Para além disso, a autora também discute com alguns paradigmas dos chamados pós-modernos, como, por exemplo, o encontro etnográfico.

No artigo “Conservação e produção em uma área protegida: dilemas em torno da sustentabilidade”, Carlos Santos discute a situação do território ocupado pelo Parque Nacional Estero de Farrapos e Islas del Río Uruguay, descrevendo o processo de sua ocupação desde tempos anteriores à conquista até a atualidade. A partir da tensão entre conservação e produção, o autor mostra as diversas tentativas de resolvê-la por parte de diferentes atores sociais envolvidos na implementação desta área protegida no Uruguai, enfatizando as profundas transformações dos sistemas produtivos a partir do avanço e consolidação do agronegócio.

Focado também no tema sustentabilidade, o artigo “Estilos de desarrollo sustentable en el norte de Misiones”, de Raimundo Elías Gómez e Brian German Ferrero, tem como eixo central os modos pelos quais as agências ambientalistas enfrentam intervenções conservacionistas em zonas de áreas protegidas, focalizando os departamentos de Iguazú e General Manuel Belgrano, na região do norte de Misiones, Argentina. Os autores descrevem, igualmente, os principais projetos de conservação e desenvolvimento sustentável atuantes na região, que são estimulados por agências japonesas e espanholas, contribuindo com considerações a respeito das problemáticas recorrentes que reúnem populações locais e agências ambientalistas.

Em “Roteiro Sentimental para o trabalho de Campo”, Flávia Pires redige o que poderíamos chamar de carta para jovens estudantes de

antropologia às voltas com seu primeiro trabalho campo, trazendo questões importantes não apenas para os “novatos” na “aventura antropológica”, mas que cercam nosso trabalho no dia a dia, tanto de questões éticas quanto de mais pragmáticas. A autora reivindica um diálogo com a obra de Marcel Mauss, conhecido por ter feito pouco trabalho de campo, mas cuja inspiração foi fundamental para toda uma primeira geração de antropólogos franceses.

O artigo “Investidas invertidas: Performance e política na obra de Kent Monkman/*Mischief*”, de Leonardo Carvalho Bertolossi, é uma contribuição para pensar as conexões entre arte e política no mundo contemporâneo. O autor reflete nesta questão a partir da obra do artista gay, de ascendência cree Kent Monkman/*Mischief* e coloca em relação temas como as fronteiras da autenticidade, da criatividade das indianidades contemporâneas, e do sentido de afirmar-se indígena hoje, por um lado. E, pelo outro, novas acepções sobre corpo, gênero, etnicidade, territorialidade e transitoriedade. Tudo com o objetivo de fornecer ferramentas para o debate sobre a reinvenção de imagens e sentidos tradicionais pela arte.

O interesse pelo campo artístico também perpassa o artigo de Bernardo Fonseca Machado. Em “A invenção da representação, breve reflexão sobre a noção de representação”, o autor discute a noção de representação a partir da teoria teatral, a historiografia helênica e a antropologia contemporânea pensando os espetáculos como experiências cênicas. Uma contribuição que traz referenciais importantes para pensar sobre o que os modos de representação dizem sobre nós ocidentais e as maneiras de subverter e estes significados para discutir esta noção tão cara à antropologia.

Na seção *artes da vida*, o ensaio fotográfico de Chantal Medaets e Lucie Robieux apresenta retratos de família de modo a mostrar imagens recortadas que refletem um todo. Uma

discussão sobre as formas de enquadrar realidades cotidianas e que se considerariam fixas se não fossem atingidas pelo olhar fotográfico que tudo observa e recria, apresentando não só imagens novas, senão formas renovadas de olhar para o mundo.

A seção *resenhas* apresenta seis textos críticos a livros da área das Ciências Sociais com temas variados. Entre as resenhas selecionadas, cinco discorrem sobre livros recebidos através de nosso **Projeto Resenhas**, que desde o número 17, 2008, da *Cadernos* consolidou-se como um empenho permanente da revista na manutenção do diálogo com editoras e autores. Neste ano, além das colaborações espontâneas de autores, contamos com o apoio da editora Zahar. Foram disponibilizados, ao todo, dez livros, os quais receberam 104 inscrições para resenhá-los. Ressaltamos que um critério importante utilizado pela Comissão para a escolha dos selecionados foi a titulação dos candidatos. Considerando que nossas contribuições são, em sua maioria, de pós-graduandos, pós-graduados e docentes, optamos por priorizar inscritos de menor titulação para reunir trabalhos de profissionais nas mais variadas etapas de suas carreiras.

Fechando a edição com a seção *informes*, a revista apresenta textos sobre dois núcleos de pesquisa. O primeiro informe vem do Centro de Estudos Ameríndios da USP, ou CEStA. Formado em 2011 por especialistas dos Departamentos de Antropologia, de História e de Ciência da Computação, do Museu de Arqueologia e Etnologia e dos Institutos de Estudos Brasileiros e de Matemática e Estatística, o CEStA estabelece um contato interdisciplinar acerca do conhecimento sobre os povos indígenas das Américas.

O segundo informe diz respeito ao Laboratório de Antropologia dos processos de formação (Lapf), que dialoga com a antropologia da educação e está sediado na PUC-Rio, tendo por objetivo estudar a diversidade dos proces-

sos socioculturais de produção e transmissão de conhecimento na sua relação com os processos de formação identitária e política. Seu interesse pode ser delimitado por meio da triangulação entre educação, processos de formação e políticas de reconhecimento.

A *Cadernos de Campo* agradece aos autores que submeteram seus artigos e ensaios e aos colegas que nos enviaram traduções e resenhas, contribuições publicadas ou não nesta edição, além da generosa colaboração dos professores John Cowart Dawsey e Renato Sztutman. Agradecemos também, aos autores e a editora Zahar pela doação de livros para as resenhas e aos professores que gentilmente se dispuseram a contribuir com nossa seção especial.

Por fim, gostaríamos de agradecer aos pareceristas *ad hoc* que colaboraram com este número, auxiliando na escolha dos artigos e ensaios publicados; aos professores e funcionários do Departamento de Antropologia, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, pelo financiamento e incentivo; aos membros do Conselho Editorial da revista, pelo apoio; à livraria Humanitas-Discurso, no Campus da USP, pela parceria de venda; a todos que fizeram parte desses vinte anos de história da revista, colaborando com nosso empenho na divulgação do debate antropológico; e, sobretudo, a todos os leitores da *Cadernos de Campo*, sem os quais não haveria motivos para a existência desta revista. A vocês, desejamos uma boa leitura!